**Aula Hegel**

**Jimenez – Hegel e a filosofia da arte. In O que é Estética (p.166 a 182)**

**Claudinei Cássio de Rezende - Momento Hegeliano Da Estética: A Auto-Superação Da Arte**

**Diversidade na unidade**

Claudinei: Se existe uma diversidade enorme de sistemas filosóficos contraditórios entre si, buscando uma mesma e única verdade, como exige a razão humana, que estatuto atribuir a essa deplorável pluralidade?

Esse argumento já preocupava o jovem Hegel antes mesmo dele engendrar seu definitivo sistema filosófico – o único que, ao seu ver, responde satisfatoriamente a esse argumento: Nisso se apoia o argumento tão rasteiro que pretende, com ares de especialista, que a história da filosofia seja estéril, uma filosofia em contradição com a outra, e que essa diversidade prove a inânia do empreendimento filosófico. (Hegel apud Ferry, 1994, p. 163)

No Jornal Crítico de Filosofia, publicado em Tübingen em 1802, Hegel dedicou a introdução de seu primeiro número a essa questão. Ele debateu sobre o que merece ou não o título de filosofia, e caminhou para a elaboração de seu estatuto filosófico da totalidade: consistiu em **descrever a história da filosofia por analogia com estética, como a apresentação em diversas formas de uma única e mesma ideia**

**Arte como modelo**

Jimenez: Já na introdução à Estética, Hegel precisa sua intenção: trata-se de mostrar **que a filosofia da arte “forma um elo necessário no conjunto da filosofia”**. Não se trata, portanto, de elaborar uma metafísica qualquer da arte, mas de partir do “reino do belo”, do “domínio da arte”. E convém incluir esta filosofia do belo no conjunto do sistema filosófico.

**De que se fala?** Das diversas belezas próprias das diferentes artes, especificas das obras particulares? Mas **diante de uma tal diversidade, seria impossível constituir uma ciência com alguma validade universal**. É preciso, portanto, partir **da Ideia de belo**. É dela que se deduzem as belezas particulares que se deduz o conceito. Hegel aprova Aristóteles: **somente existe ciência do geral!** ( (p.167)

Com isso, a crítica da arte também se torna o modelo da crítica filosófica: do mesmo modo que a obra de arte é representação/expressão (Darstellung) de uma verdade ideal numa forma sensível, assim também a tarefa da crítica consiste em desvendar a ideia, o significado sob o significante manifesto, que se distinguirá em cada sistema filosófico o seu núcleo racional – que deve ser o mesmo em todo aquele que mereça o título de filosofia. **Portanto, somente a forma é variável, pois é determinada historicamente e dependente da cultura (Bildung) de cada época.**

A resposta hegeliana aponta para uma tese de que não existe uma verdadeira contradição entre os diversos sistemas filosóficos, já que eles expressam, em última instância, a mesma ideia – sua aparente diversidade contraditória tem seu sustentáculo no fato de que de acordo com a Bildung os filósofos são levados a expressar suas ideias de forma relativa.

Curiosamente, invoca Platão e cita seu diálogo Hipias maior**: “Devem –se considerar, não os objetos particulares qualificados como belos, mas o Belo”.** ...Para Hegel também, a **arte é aparência, mas esta “aparência” é real**. Ela é **a manifestação sensível, perceptível, do que os homens, os povos, as civilizações conceberam graças a seus espíritos e exprimiram graças à criação de obras de arte concretas**. O belo existe em toda parte ao redor de nós. Ele intervém, diz Hegel, “em todas as circunstâncias de vida” como este “gênio amigo que encontramos em toda parte”. (p168)

E – isto não deve nos espantar – **O ÚNICO BELO QUE INTERESSA É O BELO ARTÍSTICO**, o das produções humanas, com a exclusão do belo natural. **Por quê?** Simplesmente porque o belo artístico é sempre superior ao belo da natureza. É uma produção do espírito e **“sendo (o espírito) superior à natureza, sua superioridade comunica-se igualmente a seus produtos e, por conseguinte, à arte.**

Dificilmente Hegel pode ser mais claro do que quando declara: **“A PIOR IDÉIA QUE ATRAVESSA O ESPÍRITO DE UM HOMEM É MELHOR E MAIS ELEVADA DO QUE A MAIOR PRODUÇÃO DA NATUREZA E ISTO ACONTECE JUSTAMENTE PORQUE ELA PARTICIPA DO ESPÍRITO E PORQUE O ESPIRITUAL É SUPERIOR AO NATURAL “ (P.168)**

**Uma das consequências desta superioridade incontestável do espírito é que a arte não poderia ter como finalidade a imitação da natureza**.: “ AO AFIRMAR QUE A IMITAÇÃO CONSTITUI A FINALIDADE DA ARTE, QUE A ARTE CONSISTE, POR CONSEGUINTE, NUMA FIEL IMITAÇÃO DO QUE JÁ EXISTE, COLOCA-SE, EM SUMA, A RECORDAÇÃO NA BASE DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA. ISTO SIGNIFICA PRIVAR A ARTE DE SUA LIBERDADE, DE SEU PODER DE EXPRESSAR O BELO”. Ora, a finalidade da arte não é a de satisfazer a recordação, mas a de satisfazer a alma, o espirito.

**A ideia do belo e o Espírito Absoluto**

**EXISTE EM HEGEL ESTA INQUEBRANTÁVEL CERTEZA DE QUE O ESPÍRITO HUMANO É ELE MESMO UMA PARCELA DE UM ESPÍRITO QUE O ULTRAPASSA: UM ESPÍRITO ABSOLUTO REGE O CONJUNTO DO PENSAMENTO E DA ATIVIDADE HUMANAS E SE DESDOBRA AO LONGO DA HISTÓRIA**. Este espírito absoluto impele para a realização da Verdade e da Liberdade, sejam quais forem os obstáculos e as vicissitudes que contrariam a ação dos homens.

Larissa Agostinho: - O Absoluto

O absoluto é a categoria que antecede e por isso abre espaço e torna possível a configuração do real (Wirklichkeit) no interior da “Ciência da lógica”. Podemos afirmar que o absoluto nada mais é do que o próprio real. Mas, devemos entender o que isso significa. Como o absoluto é o verdadeiro, a totalidade, isso quer dizer que não há nada exterior ao real. Por isso o absoluto é o conceito que rompe com a dicotomia metafísica entre dois planos distintos, transcendência e imanência ou empiria, planos distintos que são responsáveis pela diferenciação entre o conceito e as coisas e objetos do mundo

Ao definir o real como absoluto, Hegel estabelece que nada é exterior ao real, sobretudo o pensamento. Isto implica que as determinações do absoluto se dão de maneira negativa, todas elas demonstram apenas sua relatividade e finitude. No absoluto repousam todas as determinações de maneira imanente, sem que seja possível a constituição de uma unidade. Por isso, o absoluto não se apresenta, não é uma determinação, nem uma reflexão exterior. Se ele não se deixa determinar é porque ele deve se expor. O absoluto é o ato de mostrar o que ele é. Ou seja, não há determinação racional capaz de definir o que de fato é o absoluto, não há reflexão capaz de, na distância que hipoteticamente a separaria de seu objeto, do real, seja capaz de apresenta-lo. A razão não pode, como no interior da filosofia kantiana, conhecer um acontecimento ou determiná-lo a partir de suas causas. Isso significa que as determinações do real são sempre insuficientes ou finitas e perecem diante da própria realidade. Isso significa que diante do real a razão experimenta sua finitude, condição que abre espaço para a liberdade

\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*

**FILOSOFIA DE HEGEL – (CHAUI. Marilena - O que é Ideologia. São Paulo: editora Brasiliense)**

[...] . De maneira esquemática (e, portanto, muito grosseira), podemos caracterizar a obra hegeliana como:

**1) um trabalho filosófico para compreender a origem e o sentido da realidade como Cultura.** A Cultura são as relações dos homens com a Natureza pelo desejo, pelo trabalho e pela linguagem, as instituições sociais, o Estado, a religião, a arte, a ciência, a filosofia. É o real enquanto manifestação do Espírito. Não se trata, segundo Hegel, de dizer que o Espírito produz a Cultura, mas sim de que ele é a Cultura, pois ele existe encarnado nela;

**2) um trabalho filosófico que define o real pela Cultura e esta pelo movimento de**

**exteriorização e de interiorização do Espírito**. Ou seja, o Espírito se manifesta nas obras que produz (é isto sua exteriorização) e quando sabe ou reconhece que é o produtor delas, interioriza (compreende) essas obras porque sabe que elas são ele próprio. Por isso o real é histórico. Ele não *tem* história, nem *está* na história, mas *é* história;

**3) um trabalho filosófico que revoluciona o conceito de história por três motivos:**

**–** em primeiro lugar, porque não pensa a história como uma sucessão contínua de fatos no tempo, pois o tempo não é uma sucessão de instantes (antes, agora, depois; passado, presente, futuro), nem é um recipiente vazio onde se alojariam os acontecimentos, mas é um movimento dotado de força interna, criador dos acontecimentos. Os acontecimentos não *estão* no tempo, mas *são* o tempo;

**–** em segundo lugar, porque não pensa a história como uma sucessão de causas e de efeitos, mas como um processo dotado de uma força ou de motor interno que produz os acontecimentos. **Esse motor interno é a contradição**. Em geral, confundimos contradição e oposição, mas ambos são conceitos muito diferentes. Na oposição existem dois termos, cada qual dotado de suas próprias características e de sua própria existência, e que se opõem quando, por algum motivo, se encontram. Isto significa que, na oposição, podemos tomar os dois termos separadamente, entender cada um deles, entender por que se oporão se se encontrarem e, sobretudo, podemos perceber que eles existem e se conservam, quer haja ou não haja a oposição. Assim, por exemplo, poderíamos imaginar que os termos “senhor” e “escravo” são opostos, mas isto não nos impede de tomar cada um desses conceitos separadamente, verificar suas características e compreender por que se opõem.

A contradição, porém, não é isto. Na contradição só existe a relação, isto é, não podemos tomar os termos antagônicos fora dessa relação. São criados por essa relação e transformados nela e por ela. Além disso, a contradição opera com uma forma muito determinada de negação, a **negação interna**. Ou seja, se dissermos “O caderno não é o livro”, essa negação é externa, pois, além de não definir qualquer relação interna entre os dois termos, qualquer um deles pode aparecer em outras negações, visto que podemos dizer: “O caderno não é o livro, não é a pedra, não é a casa, não é o homem, etc., etc.”. A negação é interna quando o que é negado é a própria realidade de um dos termos, por exemplo, quando dizemos: “A é não-A”. Só há contradição quando a negação é interna e quando ela for a relação que define uma realidade que é em si mesma dividida num polo positivo e num polo negativo, polo este que é o negativo daquele positivo e de nenhum outro. Por exemplo, quando dizemos “a canoa é a não-árvore”, definimos a canoa por sua negação interna, ela é a árvore negada, suprimida como árvore pelo trabalho do canoeiro. O trabalho do canoeiro consiste em negar a árvore como uma coisa natural, transformando-a em coisa humana ou cultural, isto é, na canoa. **Numa relação de contradição, portanto, os termos que se negam um ao outro só existem nessa negação**. Assim, **o escravo é o não-senhor e o senhor é o não-escravo e só haverá escravo onde houver senhor e só haverá senhor onde houver escravo**. Podemos dizer que o escravo não é a pedra e que o senhor não é o cavalo, mas essas negações externas não nos dizem o que são um senhor e um escravo. Somente quando o senhor afirma que o escravo não é homem, mas um instrumento de trabalho, e somente quando o escravo afirma sua não humanidade, dizendo que só o senhor é homem, temos contradição. **Porém, o aspecto mais fundamental da contradição é que ela é um motor temporal: ou seja, as contradições não existem como fatos dados no mundo, mas são produzidas**. A produção e superação das contradições são o movimento da história. A produção e superação das contradições revelam que o real se realiza como luta. Nesta, uma realidade é produzida já dividida já fraturada num polo positivo e num polo que nega o primeiro, essa negação sendo a luta mortal dos contrários e que só termina quando os dois termos se negam inteiramente um ao outro e engendram uma síntese. Esta é uma realidade nova, nascida da luta interna da realidade anterior. Mas essa síntese ou realidade nova também surgirá fraturada e reabre a luta dos contraditórios, de sua negação recíproca e da criação de uma nova síntese;

**–** em terceiro lugar, portanto, porque não pensa a história como sucessão de fatos dispersos que seriam unificados pela consciência do historiador, mas, sim, pensa a história como processo contraditório unificado em si mesmo e por si mesmo, plenamente compreensível e racional. Por isso Hegel afirma que **o real é racional e o racional e real;**

**4) um trabalho filosófico que concebe a história como história do Espírito.** Este começa se

exteriorizando ou se manifestando na produção das obras culturais (sociedade, religião, arte,

política, ciência, filosofia, técnicas, etc.) numa perpétua divisão consigo mesmo, isto é, a produção do Espírito são contradições que vão sendo superadas por ele e repostas com novas formas por ele mesmo. Esse trabalho espiritual prossegue produzindo novas sínteses (novas culturas), até que se produza a **síntese final**. Esta é produzida no momento em que o Espírito termina seu trabalho, compreende que o realizou, que a Cultura é sua obra, e se reconcilia consigo mesmo. A história é o movimento pelo qual o que o Espírito é em si (as obras culturais) se torna o que o Espírito é para si (compreensão de sua obra como realização sua). **Esse momento final chama-se filosofia.** A filosofia é a Memória da história do Espírito, e por isso Hegel diz que ela começa apenas quando o trabalho histórico terminou. Ela é como o pássaro de Minerva (a deusa da sabedoria), que só abre asas na hora do crepúsculo;

**5) um trabalho filosófico que pensa a história como reflexão**. Reflexão significa: volta sobre si mesmo. Em geral, considere-se que somente a consciência é capaz dessa volta sobre si, isto é, de conhecer-se a si mesma como consciência. Só a consciência seria capaz de reflexão. Para Hegel, essa reflexão da consciência é apenas uma forma menor da verdadeira reflexão, que é a do Espírito. Este se exterioriza em obras, mas é capaz de reconhecer-se como produtor delas, é capaz de compreender-se ou de interiorizar sua criação. O Espírito “sai para fora de si”, criando a Cultura, e “volta para dentro de si”, reconhecendo sua produção, fazendo com que o que ela é, em si, seja também para si. Nesta medida, a história é reflexão**. E o Espírito é o Sujeito da história, pois somente um sujeito é capaz de reflexão;**

**6) um trabalho filosófico que procura dar conta do fenômeno da alienação**. Em geral,

considera-se que o exterior (as coisas naturais, os produtos do trabalho, a sociedade, etc.) é algo positivo em si e que se distingue do interior (a consciência, o sujeito). Hegel mostra que o exterior e o interior são as duas faces do Espírito, são dois *momentos* da vida e do trabalho do Espírito. Essas duas faces *aparecem* como separadas, mas essa separação foi produzida pelo próprio Espírito, ao se exteriorizar nas obras e ao se interiorizar compreendendo sua produção. Ora, quando a interiorização não ocorre, isto é, quando o Sujeito não se reconhece como produtor das obras e como sujeito da história, mas toma as obras e a história como forças estranhas, exteriores, alheias a ele e que o dominam e perseguem, temos o que Hegel designa como *alienação*. Esta é a impossibilidade do sujeito histórico identificar-se com sua obra, tomando-a como um poder separado dele, ameaçador e estranho;

**7) um trabalho filosófico que diferencia imediato e mediato, abstrato e concreto, aparência e ser**. **Imediato, abstrato e aparência são sinônimas**; não significam irrealidade e falsidade, mas sim o modo pelo qual uma realidade se oferece como algo dado, como um fato positivo dotado de características próprias e já prontas, ordenado, classificado e relacionado por nosso entendimento. **Mediato, concreto e ser** são sinônimos: referem-se ao processo de constituição de uma realidade através de mediações contraditórias. **O conhecimento da realidade exige que diferenciemos o modo como uma realidade *aparece* e o modo como é concretamente *produzida***. Imediato, abstrato e aparência são momentos do trabalho histórico negados pela mediação, pelo concreto e pelo ser. Isto significa que esses termos são contraditórios e reais. Sua síntese é efetuada pelo espírito. Essa síntese é o que Hegel denomina: *conceito*.

Esses vários aspectos do pensamento hegeliano (aqui grosseiramente resumidos) constituem

a *dialética*, ou seja, a história como processo temporal movido internamente pelas divisões ou

negações (contradição) e cujo Sujeito é o Espírito como reflexão. Essa dialética é idealista porque seu sujeito é o Espírito, e seu objeto também é o Espírito. Em última instância, portanto, a história é o movimento de posição, negação e conservação das Ideias – unidade do sujeito e do objeto da história, que é Espírito.

\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*

Este espírito absoluto impele para a realização da Verdade e da Liberdade, sejam quais forem os obstáculos e as vicissitudes que contrariam a ação dos homens.

Naturalmente, com um pouco de pragmatismo, poder-se-ia objetar-lhe que a história está repleta de exemplos que desmentem este “otimismo”. A história não é feita de uma sucessão de guerras, de injustiças, de devastações causadas pela loucura dos homens, todas elas desastres que conduzem ao aniquilamento total das mais ricas civilizações, consideradas imortais.

Esta objeção não tem valor. O sistema hegeliano, por sua coerência, supera as contradições e, sobretudo, os acontecimentos que parecem contrários à realização do espírito objetivo. Não se trata, nele, de otimismo, mas de convicção. Já a linguagem e, em seu mais alto nível, o Conceito, são sinais do Absoluto: o simples fato de eu poder nomear – dar nome – ao Espírito, à Ideia, à Alma, a Deus é o indício de uma existência que não posso negar, mesmo que eu não possa representar-me esta existência. Em outras palavras, **sejam quais forem as contradições no mundo ou no individuo, entre o bem e mal, o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, a forma e a matéria, o sensível e o espiritual, a liberdade e a necessidade, o subjetivo e o objetivo, nada me proíbe pensar que o Espírito conseguirá superá-los ou falando com Hegel, ultrapassá-los dialeticamente.**

E sejam quais forem as contingências materiais, os acidentes da história, terei de me defrontar, no fim das contas, com **três formas de absoluto**: **A ARTE, A RELIGIÃO E A FILOSOFIA**. Evidentemente, encontrar tais formas sob diversos aspectos e diferentes estágios de evolução, segundo as culturas, na Índia, no Oriente, no Ocidente, no Egito, ou na Grécia antiga, mas deverei sempre considerá-las como expressões ou manifestações do Espírito absoluto, indícios dessa busca infinita da Liberdade que se confunde com a busca de Deus (p.170)

Percebe-se melhor, mesmo além da preferência de Hegel pelo belo artístico, o que o separa de **Kant**. Este último **limita o poder da Razão ao conhecimento dos fenômenos**. A Razão, o espírito humano não tem acesso à coisas em si, ao Absoluto. Para **Hegel**, pelo contrário, **o Espírito, o Absoluto encarnam-se, de algum modo, nas próprias coisas**. Nada há na realidade que não seja, em diferentes graus, a manifestação do Espírito Absoluto, e nada, por conseguinte, que o espírito humano, pelo menos em teoria, não possa conhecer**: TUDO O QUE É REAL É, PORTANTO, RACIONAL E ACESSÍVEL À RAZÃO. A RECÍPROCA TAMBÉM É VERDADEIRA: TUDO O QUE É RACIONAL É SUSCEPTÍVEL DE CONCRETIZAR-SE NA REALIDADE** (P.170)

Para Hegel, é evidente que **a tomada de consciência das manifestações do Espírito absoluto é um processo histórico**. Nem sempre foi assim; este processo teve um início, pode , portanto, ter um fim, Veremos que este ponto tem uma importância capital para o futuro da estética. **A filosofia da história hegeliana afirma que a história tem um sentido, uma significação precisa: a do progresso do Espírito que chega ao conhecimento de si, do que é realmente, enquanto Espírito.**

**Arte**

**Para Hegel, a arte tem por objetivo a apresentação da verdade, embora a**

**apresentação da verdade, enquanto manifestação do espírito não atinja sua forma plena na arte**. A verdade, por sua vez, para o filósofo alemão, é sempre histórica – como vemos na Fenomenologia (Hegel, 2007). Por isso, a arte deve ser apresentação sensível dessa verdade, ingressada na esfera da historicidade. Doravante, a arte possui uma mesma e idêntica meta que a religião e a filosofia. Mesmo se a verdade é apresentada sob a forma de fenômenos das manifestações sensíveis, que são as obras, convém atribuir a esses fenômenos uma realidade (Realität) bem mais elevada e um devir bem mais verdadeiro do que a realidade cotidiana (Wirklichkeit).

**Ela é assim a manifestação concreta do Espírito, da Verdade na história da humanidade**: “SE QUISERMOS DAR À ARTE UM OBJETIVO FINAL, ESTE SOMENTE PODERÁ SER O DE REVELAR A VERDADE, DE REPRESENTAR DE FORMA CONCRETA E FIGURADA O QUE SE AGITA NA ALMA HUMANA. ESTE OBJETIVO É COMUM COM A HISTÓRIA, A RELIGIÃO, ETC.”

A superioridade de uma forma de arte será medida inicialmente pela capacidade que esta possui de exprimir adequadamente – embora de maneira sensível – a verdade da ideia. Assim a arte busca, segundo Hegel (1999), o ideal: a individualidade entendida como a síntese entre o universal contido na ideia e o particular inerente à forma sensível que reveste

Percebe-se claramente, outra vez, quanto a Ideia hegeliana de belo difere da Ideia Platônica. Para Platão, a Ideia do Belo, como a da Verdade e do Bem, é abstrata, intemporal, aistórica. Em Hegel, o belo é a própria realidade concreta, apreendida em seu desdobramento histórico. Quando esta realidade toma a forma sensível do belo artístico, ela determina o Ideal do belo artístico. E este ideal do belo aparece na história sob três formas fundamentais: **a arte simbólica, a arte clássica e a arte romântica (p171)**

Diante do que se coloca para ele, **HEGEL MOSTRA AS SEGUINTES CARAC­TERÍSTICAS DA ARTE, AGORA JÁ ENQUANTO OBJETO CIENTÍFICO.** Como já observamos, **a arte não é um produto da natureza, é produto da atividade humana e se liga aos seus sentidos, tendo uma finalidade em si mesma**. A arte é produto da atividade humana que **expressa o espiritual, o divino, para o homem, aos seus sentidos, atividade que não é uma mimese da natureza, mas expressão espiritual que a ultrapassa, que tecnicamente e por inspiração do gênio se configura na forma artística, expressando a particularidade de um povo na universalidade, expressando uma necessidade racional, da exteriorização da individualidade para a universalidade, levando-a a intuição do outro,** po­rém, é **preciso considerar que embora seja correto afirmar que a arte seja expressão da livre racionalidade humana ela apresenta limitações diante de outras formas de manifestação do espírito na história. A arte, desse modo, concilia o pensamento do infinito e a finitude humana de maneira sensível, imediata**

**O sistema das artes**

Contentar-nos-emos em lembrar as grandes linhas da classificação das artes proposta por Hegel, insistindo, sobretudo nas implicações no domínio da filosofia da arte.

**O Ideal do belo designa a maneira pela qual a IDEIA do belo se realiza historicamente em formas particulares da arte. Cada uma destas formas corresponde assim a um período determinado da história**

**ARTE SIMBÓLICA:** como a arte hindu, para Hegel, é uma forma rudimentar de arte simbólica, o exemplo mais perfeito é a arte egípcia

**ARTE CLÁSSICA**: arte grega

**ARTE ROMÂNTICA**: a arte do Ocidente cristão da Idade Média ao século XIX

Cada uma destas artes traduz a **maneira pela qual a imaginação procura escapar à natureza**, **dar forma a um conteúdo**. O grau de adequação forma-conteúdo é, portanto, diferente para cada pessoa. **Ele está ligado à maneira pela qual os homens pensam poder traduzir a religião, suas crenças ou sua fé na arte.**

Na **ARTE SIMBÓLICA, egípcia**, **a Ideia – o Conteúdo – ainda não encontrou sua verdadeira expressão**. Ela é prisioneira da natureza exterior e da natureza humana. Trata-se aqui de uma forma “pré-artística” que não se separou da intuição sensível e cujo modo de expressão repousa em símbolos enigmáticos. Hegel escreve a respeito dos egípcios: “ suas obras de arte permanecem misteriosas e mudas, sem eco e imóveis, pois o espírito ainda não encontrou suas encarnação verdadeira e ainda não conhece a língua clara e límpida do espírito” ((p.172)

Não há nada de espantoso no fato de as pirâmides oferecerem assim – segundo Hegel – o quadro da própria arte simbólica. A descrição que faz delas é quase ingênua: “Os subterrâneos são cheios de labirintos, de profundas escavações, de passagens longas que exigem meia hora de caminhada, o conjunto apresenta um trabalho cuidado e acabado”. O simbolismo egípcio torna-se total na representação dos deuses – Osíris e Ísis ou a esfinge, enigma absoluto – onde sentimos perfeitamente que o espiritual ainda não atingiu sua plena e inteira liberdade.

Em compensação, **a ARTE GREGA representa a perfeita adequação da forma e do conteúdo**. É nela, diz Hegel, “que é preciso procurar a realização histórica do ideal clássico” . Os artistas não se esgotam querendo figurar de maneira simbólica, frequentemente enigmática, aspirações mais ou menos confusas ao divino. Basta-lhes extrair livremente o conteúdo de suas obras nas crenças populares já estabelecidas ou na mitologia. Por exemplo, o escultor Fídias “tomou seu Zeus de Homero”. Enquanto a arte simbólica é “balançada entre mil formas”, a arte grega “determina livremente sua forma” em função da ideia, do conceito, das intenções que animam o artista. A técnica é tão perfeita que domina plenamente a matéria sensível e a submete ás ordens do Criador (p.173)

Este equilíbrio entre forma e o conteúdo é, contudo, frágil. Hegel explica que, a partir do final do século IV, quando a demagogia sucede à democracia ateniense e a negociata e as intrigas pervertem a cidade, a harmonia entre o natural e o espiritual se degrada. Abre-se um abismo entre as antigas aspirações “a virtude, o respeito para com as divindades e a realidade exterior: a partir da época de Platão e de Xenofonte, começa a dissolução da arte clássica antes que renasçam, mais tarde, outras aspirações à espiritualidade.

É na **ARTE ROMÂNTICA** que a **espiritualidade atinge seu apogeu**. A arte romântica é uma arte da interioridade absoluta e da subjetividade consciente de sua autonomia e de sua liberdade. A representação do divino, do “reino de Deus”, abandona qualquer referência à natureza, à realidade sensível. A arte clássica grega tomava seu conteúdo aos deuses; a arte romântica encontra-o na história do Cristo, da Redenção, da Virgem, dos discípulos; ela exprime assim a universalidade em seu mais alto grau.

Esta arte “romântica” - Hegel confere um sentido particular à palavra – cobre o período mais longo da história conhecida, visto que parte dos inícios da cristandade para culminar na época de Hegel, naquela em que a significação filosófica ultrapassa o conflito entre a forma e o conteúdo. Esta arte romântica produz obras poderosas em pintura, em música, sobretudo no domínio da criação literária e poética: Dante, Cervantes, Shakespeare, ate Goethe e Schiller.

**“MODESTAMENTE” HEGEL CONSIDERA QUE A ESPIRITUALIDADE ATINGE SEU APOGEU COM SUA PRÓPRIA FILOSOFIA. SEU SISTEMA NO QUAL SE EXPRESSA EM SEU MAIS ALTO GRAU A SIGNIFICAÇÃO FILOSÓFICA POR EXCELÊNCIA, COINCIDE COM O FINAL DA ARTE ROMÂNTICA (P.174)**

**as dificuldades do sistema**

Há duas observações a serem feitas nessa periodização

E todas as artes estão, como toda a evidência, presentes simultaneamente em qualquer época, cada momento possui sua arte privilegiada: Arquitetura (arte simbólica), escultura (arte clássica), pintura, música e poesia (arte romântica)

Cronologicamente, todas estas formas particulares traduzem uma espiritualização progressiva: no ponto de partida, a forma bruta, a matéria (arquitetura); no ponto de chegada, o espírito puro, interiorizado, e a dominação absoluta da matéria (poesia)

Pergunta: **estas cinco artes, - formas individuais e diferenciadas do Ideal que se realiza em cada obra – estarão submetidas ao mesmo progresso do espírito sobre a matéria?** Certamente: “ Assim com as formas de arte particulares, consideradas como uma totalidade, apresentam uma progressão, uma evolução do simbólico para o clássico e o romântico, cada arte, tomada separadamente, apresenta uma evolução análoga, pois é às artes particulares que as formas de arte devem sua existência “ (p.175)

Uma primeira dificuldade concerne à organização da Estética; qualquer leitor da obra pode percebê-la. De fato, o estudo das formas individuais, isto e, das cinco artes que constituem o “mundo real da arte”, intervém na primeira parte do terceiro e último tomo do curso. Mas cada arte está presente a título de exemplo no tomo II, consagrado às formas particulares. Para saber o que Hegel diz realmente a respeito de uma arte específica, por exemplo, sobre a arquitetura ou a poesia, será necessário “navegar” de um tomo a outro para reconstituir a totalidade do assunto.

Uma segunda dificuldade salta aos olhos: ela consiste em querer estabelecer uma correspondência entre três épocas e cinco artes, atrás das quais somente para a época romântica. A questão parece secundária. Porem uma tal imbricação perturba um pouco a noção de arte privilegiada, representativa de cada época.

Por exemplo: a escultura grega encarna o ideal clássico em seu mais alto grau. Constitui ela um modelo inimitável e inigualável. Entre os escultores gregos pode-se encontrar Fidias. Porém é ao mesmo Fídias, assistidos por Ictinos e Calícrates, que Atenas confiou os planos do Parthenon, um monumento arquitetônico. Ora, a arquitetura, sobretudo a pirâmide, é a arte representativa da arte simbólica. Fidias, seria um arquiteto medíocre? Evidentemente, não é o que Hegel quer dizer. De resto, a arquitetura, arte simbólica por excelência, atinge seu ponto culminante, segundo Hegel, provavelmente sensível neste ponto à admiração de Goethe, na catedral Gótica. Vê-se, pois, que a evolução de cada arte para uma maior espiritualidade ultrapassa o limite temporal inicial

A ultima dificuldade que evocaremos concerne à poesia...

**A morte da arte**

Quando uma arte atinge sua forma ideal, atinge, pois, sua autodissolução, na medida em que no decorrer desse processo a arte deve inevitavelmente dar-se conta – no mesmo momento em que atinge a perfeição, aliás, a forma máxima de representação de seu gênero – de que não é o meio de expressão mais adequado da ideia, de que é inferior à representação do divino pela religião e da ideia pela filosofia. A partir dessa premissa hegeliana, temos a historicidade e a hierarquia através da qual a arte deva ser suprasumida – ou auto-superada (aufheben)

O trecho da Estética dedicado ao fim da arte romântica é, de longe, o mais inesperado.

Hegel acaba de lembrar que o mundo romântico teve de realizar apenas “uma única obra absoluta”: a propagação do cristianismo. Mas, no início do século XIX, esta tarefa está acabada: “**Nenhum Homero, nenhum Sófocles, nenhum Dante, nenhum Shakespeare podem ser produzidos por nossa época; o que foi cantando tão magnificamente, o que foi expresso tão livremente quando o fizeram esses grandes poetas foi feito uma vez por todas”**

**O mundo mudou e a elevação dos sentimentos pregada pelo romantismo degenera em formas insípidas**. O romanesco, o humor, a falta de seriedade no tratamento dos temas correspondem à irrupção de uma subjetividade às vezes brilhante, mas que doravante se preocupa exclusivamente consigo mesma e não mais com o mundo exterior. A arte, segundo Hegel, “cai sob o domínio do capricho e do humor”

É bastante estranho constatar, nesse ponto da Estética, que Hegel toma como alvo um contemporâneo direto. De fato, o representante típico desta degenerescência do espírito romântico não é outro senão Jean-Paul, o autor do Curso preparatório de estética, cuja obra é rica desses “ditos espirituosos, desses rasgos e gracejos” que acabam, por fim, por “cansar o leitor”

A declaração de dissolução da arte romântica intervém algumas linhas adiante: “**CHEGAMOS AO TERMO DA ARTE ROMÂNTICA, À SOLEIRA DA ARTE MODERNA CUJA TENDÊNCIA GERAL PODEMOS DEFINIR COM O FATO DE A SUBJETIVIDADE DO ARTISTA CESSAR DE SER DOMINADA PELAS CONDIÇÕES DADAS POR TAL OU TAL CONTEÚDO OU POR TAL OU TAL FORMA; AO CONTRÁRIO, ELA DOMINA A AMBAS E CONSERVA TODA A SUA LIBERDADE DE ESCOLHA E DE PRODUÇÃO”. PARA BEM COMPREENDER O SENTIDO DESTA REFLEXÃO, FREQÜENTEMENTE OBJETO DE MAL-ENTENDIDOS, É PRECISO SITUÁ-LA NO PROJETO DE CONJUNTO ENTRE A ESTÉTICA E A FILOSOFIA HEGELIANAS. (P.179)**

O emprego de termos pejorativos para caracterizar a situação da época não deve nos enganar sobre a intenção do filosofo. Hegel fala efetivamente de “decadência”, de “degenerescência”, e de “dissolução” da arte de sua época. Uma certa nostalgia é, pois, inegável. Mas este não é o sentimento dominante. Ele precisa, de fato; “ Somente o presente existe em todo o seu frescor, o resto está murcho e sem viço”

Na realidade, Hegel nos conduz para onde queria levar-nos desde a “Introdução**”: o fim da arte romântica coincide com o fim da arte e só é possível apreender o sentido desses desaparecimentos, voltando ao famoso tema enunciado já nas primeiras páginas, o da “morte” da arte. Que diz ele exatamente? Nada além disto:**

**“NA HIERARQUIA DOS MEIOS QUE SERVEM PARA EXPRESSAR O ABSOLUTO, A RELIGIÃO E A CULTURA PROVINDA DA RAZÃO OCUPAM O GRAU MAIS ELEVADO, BEM SUPERIOR AO DA ARTE.**

**“A OBRA DE ARTE É, PORTANTO, INCAPAZ DE SATISFAZER NOSSA ULTIMA NECESSIDADE DE ABSOLUTO. EM NOSSOS DIAS , NÃO SE VENERA MAIS UMA OBRA DE ARTE, E NOSSA ATITUDE PARA COM CRIAÇÕES DA ARTE É MUITO MAIS FRIA E PONDERADA [...]. NÓS RESPEITAMOS A ARTE, NÓS A ADMIRAMOS; APENAS NÃO VEMOS MAIS NELA ALGUMA COISA QUE NÃO POSSA SER ULTRAPASSADA, A MANIFESTAÇÃO ÍNTIMA DO ABSOLUTO; NÓS A SUBMETEMOS À ANÁLISE DE NOSSO PENSAMENTO E ISTO, NÃO NA INTENÇÃO DE PROVOCAR A CRIAÇÃO DE OBRAS DE ARTE NOVAS, MAS, ANTES, COM A FINALIDADE DE RECONHECER A FUNÇÃO DA ARTE E SEU LUGAR NO CONJUNTO DE NOSSA VIDA.**

**“OS DIAS FELIZES DA ARTE GREGA E A ÉPOCA DE OURO DA BAIXA IDADE MÉDIA ACABARAM, AS CONDIÇÕES GERAIS DO TEMPO PRESENTE NÃO SÃO FAVORÁVEIS À ARTE [...]; SEJA QUAL FOR NOSSO PONTO DE VISTA, A ARTE PERMANECE PARA NÓS, QUANTO A SEU SUPREMO DESTINO, UMA COISA DO PASSADO. COM ISSO, PERDEU ELA PARA NOS TUDO O QUE POSSUÍA DE AUTENTICAMENTE VERDADEIRO E VIVO, SUA REALIDADE E SUA NECESSIDADE DE OUTRORA, E ESTÁ DORAVANTE RELEGADA À NOSSA REPRESENTAÇÃO. O QUE UMA OBRA SUSCITA HOJE EM NÓS É, JUNTAMENTE COM UM PRAZER DIRETO, UM JULGAMENTO SOBRE OS MEIOS DE EXPRESSÃO E SOBRE O GRAU DE ADEQUAÇÃO DA EXRESSAO AO CONTEÚDO”. (P180)**

Autorizamo-nos, de forma não habitual, esta longa citação a fim de dissipar qualquer risco de interpretação errônea.

Várias observações se impõem:

1. **Hegel lembra que a arte serve para exprimir o absoluto. Mas o conhecimento que nos dá é, de longe, inferior ao da religião e da filosofia.** Quando atinge seu grau supremo de espiritualização e de subjetivação – na arte romântica sobretudo – ela desaparece enquanto arte, criadora de obras, para ceder lugar à filosofia. Esta filosofia (Ada arte) tem como tarefa refletir sobre o papel que a arte desempenha doravante em nossa vida cotidiana e na sociedade. Hegel não diz que a arte está morta nem que os artistas tenham desaparecido, mas que ela cessou de representar o que significava para as civilizações anteriores. É preciso ler deste modo: a arte permanece para nós – na imagem que de nos transmitiram os gregos, por exemplo – alguma coisa do passado.
2. Observar-se-ão as “condições gerais do tempo presente”, o mundo “agitado”, alusões ao contexto político, social e econômico, pouco favorável a um clima cultural e artístico sereno, tanto fora quando dentro da Alemanha. Essa época é crepuscular, opaca, marcada pela industrialização , pelo nascimento da economia capitalista, pela sujeição do individuo às instituições. O próprio sujeito não é mais do que um individuo dilacerado pela divisão do trabalho, submetido à mecanização das tarefas. As descrições do universo desumanizado são ainda mais realistas e sinistras do que as de Schiller
3. O fim da arte e a dissolução da arte romântica coincidem com a conclusão do sistema filosófico hegeliano que seu autor assimila à própria filosofia. Tudo o que se diz sobre a estética e que figura no curso diz respeito à arte do passado, a exemplo, da filosofia que se encontra toda, desde suas origens até o século XIX, contida na filosofia hegeliana (p.181/182)

**O nascimento da estética moderna**

A maioria dos mal-entendidos a respeito de Hegel resultam de uma leitura incompleta e parcial de seus escritos.

É preciso ler o prefácio dos Princípios da filosofia do direito (1821**): “Para dizer ainda uma palavra sobre essa maneira de dar receitas indicando como o mundo deve ser, a filosofia, em todo caso, chega sempre tarde demais. Pensamento do mundo, ela só aparece quando a realidade tiver acabado o processo de sua formação e se tiver aperfeiçoado[...]. Quando a filosofia pinta cinza sobre cinza, uma forma de vida envelheceu e não se deixa rejuvenescer com cinza sobre cinza; ela somente de deixa conhecer; a coruja de Minerva só levanta voo ao cair da tarde”. Sua filosofia acaba de ultrapassar-se. Uma forma de filosofia e de vida envelheceu: uma outra começa, e o Espírito tem ainda muito a fazer... (p.182)**

Poderíamos transpor quase palavra por palavra este trecho à Estética. Também a estética chega tarde demais: **o sonho grego murchou e perdeu o viço, mas permanece o frescor do presente; a arte romântica não existe mais, mas a arte moderna desponta e com ela a liberdade infinita de escolher segundo a proporia subjetividade e de fazer tabula rasa do passado**: “ O apego a um conteúdo particular e a um modo de expressão em relação a esse conteúdo tornou-se um instrumento livre que ele pode aplicar, na medida de seus dons técnicos, a qualquer conteúdo seja de que natureza for” (p.182)

Hegel ignora o que acontecerá com a arte moderna; ele só esboça uma “tendência” , a de uma crescente afirmação da liberdade do artista e, portanto, da autonomia da estética: “ É assim que todo assunto e toda forma estão hoje à disposição do artista que soube, graças a seus talento e as seu gênio, libertar-se da fixação de uma forma de arte determinada à qual ele fora condenado até então” (p.183)

Esta autonomia é incondicional. A arte cumpriu uma função metafísica e religiosa. Sacralizada, ela foi uma das forma de expressão mais elevadas da verdade...

Como foram estranhos essa volta do platonismo em pleno racionalismo esclarecido e essa crença numa revelação do Ser graças à beleza da arte! Todavia, isto é um erro, declara Hegel uns 30 anos mais tarde. ...

A partir dessa data até os dias de hoje, a arte e os artistas aproveitaram largamente e às vezes abusaram dessa liberdade entrevista por Hegel. Partidários das rupturas, os artistas de vanguarda libertaram-se das formas e dos conteúdos tradicionais. Separaram-se do principio mimético, não hesitando em quebrar convenções seculares; arriscaram-se a utilizar os mais diversos materiais, a deslocar as formas habituais, chegando às vezes ao ponto de dissolver o próprio objeto de arte para reduzi-lo ao puro conceito. Em duas palavras, fizeram, como diz Hegel, tabula rasa do passado na esperança de que a arte pudesse novamente estar de acordo com o curso do mundo ara o melhor e para o pior ((p.184).

O mérito de Hegel foi o de ter pensado que o fim da arte romântica marcava, em sua época, a soleira da arte e da estética modernas. A reflexão hegeliana sobre a arte é certamente a que teve e tem sempre a maior ressonância na estética contemporânea....A afirmação da historicidade do belo contra o platonismo, e a critica da imitação a natureza , contra Aristóteles, constituem , além disso, pontos sem volta para toda reflexão estética ulterior.

Deste ponto de vista, ele é um dos precursores do nominalismo na arte. Nominalismo, em estética, significa interessar-se por cada obras, independentemente dos gêneros, das regras, das formas e das convenções que a determinam. A obra é então analisada ou julgada em função de seus próprios critérios e segundo o momento em que aparece na história. Neste ponto , Hegel aceita a lição dos românticos alemães, sobretudo de Schlegel, para quem a obra de arte, sobretudo a poesia, iria ser objeto de uma crítica estética especifica, centrada em sua forma e não em seu conteúdo |(p.185)

Hegel estende está critica às obras ligadas a todas as artes. ...

A posteridade considera como “hegeliano” todo procedimento estético que se interessa de maneira privilegiada pela idéia, pelo conteúdo expressos pela obra e lhes dá prioridade sobre a forma. Ela é assim oposta à estética de Kant para a qual a forma, o desenho, são preponderantes porque causam, ao contrário da cor, um prazer desinteressado. ....

De fato, este antagonismo entre forma e conteúdo efetua-se ao preço de uma simplificação e de uma esquematização abusivas dos conceitos de Kant e de Hegel. A reflexão estética sobre a arte moderna desinteressa-se totalmente por este problema. E a aprendeu,, com Adorno, eu a forma artística tem valor de conteúdo, que quebrar ou deslocar estruturas formais exprime uma idéia pelo menos tão forte e plena quanto uma representação figurativa, mimética no sentido tradicional